

ARTE URBANA EM MONTES CLAROS/MG: DE FERRAMENTA DE SOCIABILIDADE À TÁTICA DE ACUSAR O ABANDONO

Maria Clara de Oliveira Silva¹

RESUMO

Este trabalho analisa a produção do espaço urbano em Montes Claros/MG a partir da arte urbana presente em diferentes regiões da cidade. O objetivo é compreender como essa forma de expressão atua ora como estratégia mercadológica, ora como ferramenta de sociabilidade e tática de acusar o abandono, especialmente em contextos de festivais que valorizam essas práticas. Observa-se que murais e intervenções artísticas transformam locais marginalizados em pontos de interesse social e turístico. A metodologia combina revisão bibliográfica, etnografias urbanas e entrevista com artista atuante na cena local.

Palavras-chave: Arte urbana; Montes Claros; Graffiti; Pichação; Sociabilidade.

URBAN ART IN MONTES CLAROS: FROM A TOOL OF SOCIABILITY TO A TACTIC OF DENOUNCING NEGLECT

ABSTRACT

This study analyzes the production of urban space in Montes Claros/MG through urban art present in different areas of the city. The aim is to understand how this form of expression sometimes functions as a market-driven strategy, and other times as a tool for sociability and a tactic to denounce neglect, especially in the context of festivals that promote such practices. It is observed that murals and artistic interventions transform marginalized places into sites of social and touristic interest. The methodology combines a bibliographic review, urban ethnographies, and an interview with an artist active in the local scene.

¹Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), onde também se graduou em História. É arquiteta e urbanista pel. Este estudo integra projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-8721-1105>. E-mail: mariamcos@gmail.com

Keywords: Urban art; Montes Claros; Graffiti; Tagging; Sociability.

ARTE URBANA EN MONTES CLAROS: DE HERRAMIENTA DE SOCIABILIDAD A TÁCTICA DE DENUNCIAR EL ABANDONO

RESUMEN

Este trabajo analiza la producción del espacio urbano en Montes Claros/MG a partir del arte urbano presente en diferentes zonas de la ciudad. El objetivo es comprender cómo esta forma de expresión actúa, a veces, como una estrategia mercadológica y, otras veces, como una herramienta de sociabilidad y una táctica para denunciar el abandono, especialmente en contextos de festivales que valoran estas prácticas. Se observa que los murales e intervenciones artísticas transforman lugares marginados en puntos de interés social y turístico. La metodología combina revisión bibliográfica, etnografías urbanas y entrevista con un artista activo en la escena local.

Palabras clave: Arte urbano; Graffiti; Pixación; Sociabilidad.

INTRODUÇÃO

Como uma das primeiras formas de expressão humana, as intervenções gráficas/pictóricas são inegavelmente um campo de disputa entre diferentes atores sociais, que imprimem seu olhar sobre a sociedade em algum tipo de suporte, seja nas cavernas – como os povos pré-históricos, através das pinturas rupestres –, nas telas, no papel, em tecido, ou, como ganhou destaque a partir do século XX, nos muros das cidades, por meio da arte urbana. Anita Rink afirma que “os grafismos em muros existiram em quase todas as épocas e civilizações e as tecnologias e os temas foram se adequando às diversas realidades” (RINK, 2013, s/p).

Os muros das cidades e suas expressões visuais têm se tornando, desta forma, objeto de estudo para se compreender culturas, hábitos, e manifestações de uma sociedade circunscrita nas cidades. Nesse sentido, a antropologia dos espaços urbanos ajuda a compreender tais aspectos, tendo em vista que a teoria social não compreende mais as cidades como mero pano de fundo das relações sociais, e sim como um espaço que se transforma em palco das disputas que vão produzir os seus sentidos. Nessa linha de raciocínio, Uriarte assinala:

O espaço está sempre sendo feito, porque ele é um conjunto de relações sociais – sempre dinâmicas – que se estabelecem numa materialidade (ou natureza primeira). Isto quer dizer que o espaço não é uma coisa, mas um conjunto de relações entre as coisas. Produzir espaço significa, portanto, colocar em relação coisas (URIARTE, 2014, p. 116).

Em relação a isso, Lefebvre pontua que a produção da cidade e suas relações sociais seriam sinônimo de uma (re)produção dos seres humanos pelos seres humanos, não se restringindo à produção de objetos (LEFEBVRE, 1991). Assim sendo, interpreta-se a visão do autor como uma crítica à visão capitalista que reduz a produção do espaço urbano como fruto de intenções meramente mercadológicas.

Considera-se então, que, a arte urbana constitui uma das muitas expressões dessas relações sociais, e, como tal, influencia e ajuda a compreender em muitos sentidos a produção do espaço urbano. Segundo Lefebvre, “a arte, também reconhecendo suas condições iniciais, dirige-se para um novo destino, o de servir à sociedade urbana e à vida cotidiana nessa sociedade” (ibidem, p. 7).

A partir do raciocínio apresentado, entende-se o espaço urbano como local de disputa entre diferentes grupos sociais e indivíduos. O teórico Michel de Certeau cunhou os conceitos de *estratégia* e *tática* para se referir a diferentes ações exercidas por grupos dominantes x dominados em sociedade. Em suas palavras, *estratégia* seria “o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (um exército, uma empresa, uma cidade, uma instituição científica) possa ser isolado” (CERTEAU, 1998, p. 99), postulando um lugar onde se possa gerir as relações distanciando-se de alvos ou ameaças. Já as *táticas* seriam movimento “dentro do campo do inimigo”, a arte do fraco que, utilizando-se vigilantemente das falhas abertas nas conjunturas particulares, se mobiliza (ibidem, p. 100).

As teorias aqui apresentadas e a subsequente contextualização sobre a arte urbana serão, portanto, fundamentais para se compreender a produção do espaço urbano na cidade de Montes Claros, Minas Gerais, a partir das tensões e dinâmicas propiciadas pela arte urbana realizada na cidade, levando-se em consideração as

disputas do espaço urbano que ocorrem tanto através dos artistas e das suas respectivas artes produzidas, quanto das redes de sociabilidade criadas a partir dos festivais de arte urbana.

1. DAS CAVERNAS AO CONCRETO: CONTEXTUALIZANDO A ARTE URBANA

Em seu livro sobre o *graffiti*, Anita Rink informa que, quem cunhou a expressão “*graffiti*” – cuja etimologia se traduz em “escrever com carvão” –, foram os antigos romanos, para se referir às inscrições com carvão em paredes com mensagens de protestos, profecias, dentre outras (RINK, 2015). A partir do século XX, embora a finalidade de expressão permaneça, observa-se o *graffiti* tomar outros significados.

Antes das tintas em látex e spray se popularizarem com a expansão da indústria automobilística, nos anos 1950, as intervenções estéticas nos muros das cidades já existiam, sendo comum a utilização do piche para realização dessas intervenções, um material de difícil remoção – daí o surgimento do termo “picho” e suas variantes, “pichadores”, “pichação”, que adquiriram conotação negativa e ainda hoje são associados ao vandalismo, estigma que acabou abarcando também o *graffiti*, segundo pontua Anita Rink (*ibidem*).

No documentário “Pixo” (2009), profissionais das artes e representantes da cena da pichação em São Paulo – cujas especificidades levaram à grafia diferente da palavra, utilizando o “x” no lugar do “ch” –, revelam um pouco sobre a história do surgimento da prática no Brasil. Sendo assim, segundo informa “Chico”, fotógrafo e participante do documentário, a primeira pichação que se tem notícia no país aconteceu na década de 1960, durante o período da ditadura militar, com o intuito de criticar o regime político estabelecido (PIXO, 2009):

Figura 01 - Pichação “abaixo a ditadura”



Fonte: Brasa Mag

Assim, a depender do contexto e da finalidade da intervenção, as normas mudam, tendo em vista que na pichação política, não há uma preocupação estética, o objetivo é que a mensagem seja escrita de forma legível para possibilitar a leitura por qualquer pessoa alfabetizada. O “pixo” em São Paulo, por exemplo, tem como característica comum a verticalização, para cobrir o máximo de espaço possível da fachada de um edifício, o que não ocorre, por exemplo, em cidades pouco verticalizadas, como Montes Claros.

Além do picho político, foram surgindo outras modalidades de intervenções artísticas urbanas, como o picho poético e/ou filosófico, o próprio *graffiti* em si (que numa acepção popular, seriam os murais com desenhos que transmitem uma certa preocupação estética), dentre outros.

No Brasil, a prática da pichação e de outras intervenções em edificações e monumentos urbanos sem autorização passou a ser tipificada como crime ambiental, segundo a Constituição Federal (BRASIL, 2011, art. 65º). Para Tiago Lemões, “para além da ordem comercial que orienta a conquista do espaço a partir da circulação, os elementos que compõem uma ordem subversiva com práticas não previstas pelo Estado expressam a tensão dos lugares na cidade” (LEMÕES, 2019, p. 3). Essas tensões demonstram a constituição do espaço urbano segundo os sujeitos que dele fazem parte. Indo de encontro ao raciocínio de Michel de Certeau, o autor aponta que os artistas urbanos e suas atividades seriam sujeitos que permanecem nos interstícios, tolerados sob a condição de ameaça constante da intervenção estatal (ibidem). Um dos aspectos denunciados e revelados pela arte

urbana, portanto, pode ser o desejo de pertencimento, traduzido seja pelas denúncias políticas contidas nas frases pichadas/grafitadas nos muros, seja pelo próprio ato em si de se fazer visto, mesmo que isso tenha o custo de infringir a lei e sofrer sanções.

2. INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS URBANAS EM MONTES CLAROS²

Passeando pela cidade de Montes Claros, é possível observar hoje em dia uma ampla gama de manifestações artísticas nos muros da cidade, algumas de teor político, outras de teor poético ou filosófico, e ainda, murais grafitados por artistas renomados nacionalmente e que expressam a cultura e os costumes da região. Independente da categoria, estas expressões visuais, como já mencionado, não são apenas “panos de fundo” da vida na cidade, mas permitem compreender a produção do espaço urbano. A seguir, analisaremos alguns exemplos destas manifestações.

2.1 Picho político em Montes Claros

Em 2021, no dia em que a filial da rede de loja de departamentos *Havan* foi inaugurada em Montes Claros, os tapumes que tampavam a fachada da loja amanheceram com a seguinte inscrição:

Figura 02 - pichação nos tapumes da *Havan* em Montes Claros

² Com a finalidade de demonstrar as várias dinâmicas produzidas pela manifestação artística urbana – especificamente em Montes Claros –, considerou-se, neste trabalho, não só os trabalhos tipicamente interpretados como *graffiti*, mas também aqueles que são considerados como *pichações*. Embora a finalidade não seja se deter à discussão do mérito (ou não) do picho enquanto arte, tal opção permitiu ampliar o leque das possibilidades de interpretação sobre a produção do espaço urbano e a construção de redes de sociabilidade a partir dessas diferentes manifestações.



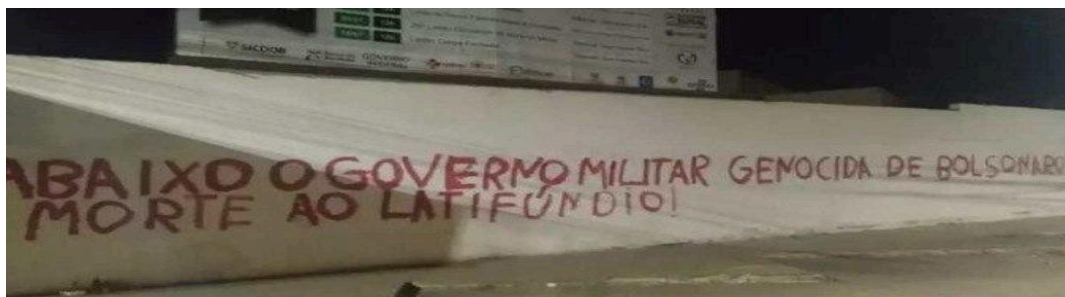
Fonte: Instagram Moc Alerta

Naquele ano, o Brasil enfrentava a pandemia de Covid-19, e era presidido por Jair Messias Bolsonaro, cujos esforços para promover boicote à comunidade científica levou setores progressistas a associarem-no e ao negacionismo científico, o que, conseqüentemente, resultou na morte de milhares de pessoas pela doença. Luciano Hang, empresário proprietário das lojas da rede Havan era um forte apoiador de Bolsonaro e conseqüentemente das suas ideias. A imagem acima apresenta forte apelo semiótico, revelando, por um lado, a contradição entre o poder econômico sustentado pela empresa e as ideologias do seu proprietário, e, por outro, a insatisfação de setores da sociedade representados por movimentos sociais (no caso, a Liga dos Camponeses Pobres) com a instalação da loja na cidade. Para Michel Agier, “o movimento em direção ao centro desde as periferias e os subúrbios ou as ‘zonas de miséria’ é um deslocamento e uma conquista espacial em certa medida” (AGIER, 2015, p. 491). Traçamos um paralelo aqui com o ocorrido durante a inauguração da Havan: as inscrições de protesto contra o governo vigente nos tapumes de uma grande empresa recém-chegada na cidade, por um movimento social, revelam uma tática destes grupos marginalizados de metaforicamente saírem das periferias e, chegando ao “centro”, contestarem seu direito de serem assistidos pelo governo – garantindo o seu direito de também constituírem a cidade.

Há em Montes Claros, uma infinidade de manifestações políticas por pichações nos muros. Algumas dessas pichações chegaram a ganhar páginas nos noticiários regionais e nacionais. Em 2022, vários veículos informativos noticiaram

uma pichação realizada por professoras também criticando o governo Bolsonaro, nos muros do Parque de Exposições da cidade.

Figura 03 - pichação contra Bolsonaro no Parque de Exposições de Montes Claros



Fonte: Site Correio Braziliense

Após o ato, as duas professoras que realizaram a pichação foram apreendidas e tiveram que assinar um Termo Circunstanciado de Ocorrência. No dia seguinte, a Sociedade Rural, que administra o Parque de Exposições, divulgou nota lamentando o ocorrido, na qual informava que a entidade:

Enaltece a atuação pontual da Polícia Militar em defesa da preservação da ordem pública, protegendo o cidadão e os bens públicos e privados e coibindo ações de ameaças à integridade do produtor rural, do presidente da República e da sociedade como um todo³.

Dois meses após o ocorrido, o ex-presidente Bolsonaro, em visita à cidade para lançamento da sua candidatura, participou de encontro fechado no salão de festas da Sociedade Rural, onde foi homenageado. Curiosamente, no dia seguinte ao ocorrido, outra pichação foi feita sobre a pichação anterior, substituindo o nome "Bolsonaro" pelo nome "Lula", seu concorrente direto na campanha eleitoral daquele ano:

Figura 04 - pichação contra o Lula no Parque de Exposições de Montes Claros

³

Disponível em:
<<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/06/5017629-professoras-sao-presas-por-pichacao-contra-bolsonaro-em-muro-de-parque.html>>



Fonte: Site Correio Braziliense

Toda essa situação revela que as intervenções urbanas nos muros da cidade, ao contrário do que defende o senso comum, não podem ser atribuídas a um único grupo específico. Muito embora a prática da pichação tenha nascido em um contexto de contracultura e de inconformidade com políticas autoritárias e seja utilizada como tática política por minorias, mais do que isso, elas revelam as contingências necessárias para a constituição do cotidiano, como aponta o autor Rogério Proença Leite, segundo o qual:

Certas rupturas reincidentes que ocorrem nos interstícios da vida pública não põem em risco a cotidianidade – embora a desafiem –, mas, ao contrário, garantem certas dinâmicas necessárias às práticas sociais geradoras da contestação e da mudança (LEITE, 2010, p. 738).

Sendo assim, antes de encarar as situações anteriormente apresentadas como “perturbações da ordem pública”, é preciso vê-las como propulsoras do dinamismo e mudança que espera-se atingir em sociedade.

2.2 O picho poético/filosófico

Um outro tipo de intervenção urbana encontrada em alguns muros de Montes Claros pode ser considerada como “picho poético” e/ou filosófico. Sua particularidade consiste em provocar emoções e/ou reflexões nos cidadãos que se deparam com as inscrições, promovendo, assim, a sua interação com o espaço urbano. Um exemplo disso é a inscrição “haverá festa com o que restar”, em uma edificação demolida no Corredor Cultural de Montes Claros, local associado à

presença de edificações históricas e de manifestações culturais que ocorrem na cidade:

Figura 05 - Pichação em edificação demolida no Corredor Cultural



Fonte: instagram do artista @vitor.brant

Para o autor Georg Simmel, baseando-se nas teorias sociológicas, o fenômeno da sociabilidade seria definido como “a forma lúdica de sociação” (SIMMEL, p. 64), nesse sentido, o autor pontua:

Assim a arte revela o mistério da vida: não é simplesmente desviando o olhar que nos libertamos dela, e sim à medida que, nesse jogo aparentemente autônomo de suas formas, estabelecemos e vivemos o sentido e as forças de sua realidade mais profunda – mas sem essa realidade mesma (*ibidem*, p. 82).

Seguindo esta linha de raciocínio, pode-se concluir que, a inscrição no muro acima representada, embora revele, por um lado, uma decepção com a demolição dos patrimônios históricos da cidade, e por conseguinte, o apagamento de parte da sua história, por outro, demonstra o otimismo de que, apesar disso, as interações sociais no lugar seguirão seu curso, e o que é um “peso”, passa a ser transformado em “estímulo” (*ibidem*).

2.3 Graffiti em Montes Claros

Em entrevista realizada com o grafiteiro Giwberto, realizada em 2024, o artista revelou algumas informações sobre a cena da arte urbana em Montes Claros. Segundo ele, o movimento começou em meados da década de 1990, relativamente tarde se comparado a outros centros urbanos. Naquela época, havia ainda muito preconceito com os artistas de rua, popularmente conhecidos como “grafiteiros”, tendo em vista que era uma modalidade artística nova na região, por vezes associada à criminalidade. Embora o preconceito ainda permaneça em alguns setores sociais, hoje em dia há uma aceitabilidade maior em relação a arte urbana na região, sendo esta inclusive a principal fonte de renda de muitos artistas, ora requisitada até mesmo por empresas privadas para execução de trabalhos.

Os murais do artista em questão caracterizam-se pelas suas cores vivas, traços elaborados que remetem a *cartoons*, e muitas vezes, fazem associações e homenagens à cultura local, embora o grafiteiro seja natural de São Paulo. Uma informação importante revelada pelo artista é que, muitas vezes, a arte urbana serve para acusar o “abandono”, tendo em vista que, a partir daquela obra, um local que antes era marginalizado e/ou pouco frequentado se transforma, por exemplo, em atração turística, ou mesmo, passa a atrair mais a atenção para investimentos por parte do poder público (GIWBERTO, 2024).

Figura 06: mural grafitado no bairro Conferência Cristo Rei, conhecido como “Feijão Semeado”

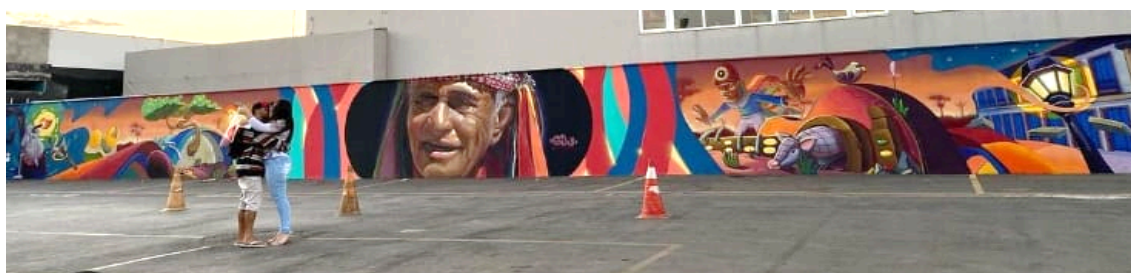


Fonte: instagram do artista @giwberto1

O mural acima, por exemplo, foi grafitado em rua do bairro Conferência Cristo Rei, onde se situa a favela popularmente conhecida como “Feijão Semeado”, da cidade de Montes Claros, podendo ser enquadrado, segundo o depoimento do artista, como uma tática de acusar o abandono.

Por outro lado, dada a repercussão positiva midiática que os *graffitis* vêm recebendo nos últimos anos, é possível observar também que, muitas vezes, estes são utilizados também como estratégias governamentais. Nesse sentido, no estacionamento do Shopping Montes Claros, identificamos um *graffiti* do mesmo artista, retratando elementos da cultura local, como o mestre Zanza, os catopês e o Corredor Cultural:

Figura 07- *Graffiti* no Estacionamento do Shopping Montes Claros



Fonte: instagram do artista @giwberto1

É notável que após a realização de festivais nos últimos anos que valorizam a arte urbana na cidade, esta vem perdendo o seu caráter de arte marginalizada e sendo apropriada por instituições privadas e iniciativas públicas, que veem nas obras uma maneira de atrair a atenção do público, incentivando, por exemplo, o turismo. Segundo relatos do próprio artista, é crescente também o número de empresas e instituições que têm procurado estes serviços nos últimos anos. Ainda assim, muitos artistas resistem à lógica meramente mercadológica das empresas e instituições, utilizando táticas para manter o caráter crítico de suas obras, como veremos a seguir.

3. FESTIVAIS DE ARTE URBANA EM MONTES CLAROS

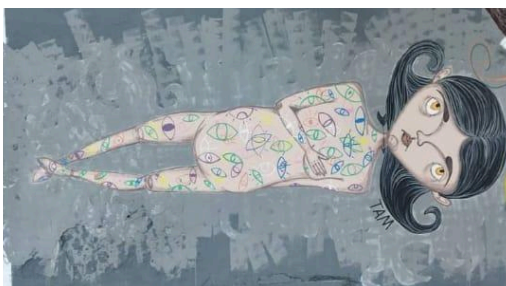
Como já destacado, percebe-se em Montes Claros um notável aumento na quantidade de festivais e movimentos de valorização da arte urbana na cidade nos últimos anos.

Em 2018, aconteceu o *Streetarte Montes Claros*, contando com mais de 100 artistas de Montes Claros, Belo Horizonte e região, a fim de pintar o muro do Conservatório Estadual Lorenzo Fernandes. Tal evento contou ainda com campeonato de skate, duelo de MC's e batalhas de rap, favorecendo a sociabilidade local.

Em 2021, foi realizada também a primeira edição da exposição “Graffiti: cores urbanas”, na praça do posto de saúde do bairro Major Prates, reunindo diversos artistas da região para a criação de um mural com várias artes urbanas. Em expedição etnográfica realizada no bairro Major Prates nesse ano, pelo Núcleo Citadino, um dos participantes da expedição informou conhecer um dos responsáveis por um dos *graffitis* da exposição. A partir do seu relato, é possível identificar como a arte urbana se revela ora como estratégia governamental, ora como tática, tendo em vista que, segundo informou o participante, nessa edição da exposição, a prefeitura solicitou aos artistas que enviassem previamente os esboços das artes que realizariam no muro, entretanto, na fase de execução, alguns artistas resolveram mudar a ideia inicial, com a finalidade de subverter as imposições colocadas pela prefeitura quanto ao conteúdo das artes. Isso resultou em *graffitis* de diferentes estilos e que passam diferentes mensagens.

Figuras 08, 09, 10 e 11 - *graffitis* produzidos para o Festival Cores Urbanas





Fonte: instagram “Graffiti Cores Urbanas”

Em 2023, por fim, foi realizado um evento no Corredor Cultural, que contou com a colaboração de alguns artistas para colorir com mais *graffitis* os muros do corredor, alguns deles associados às Festas de Agosto e à cultura local.

A ação no Corredor Cultural, coordenada pelo artista Fabrício, transformou uma fachada que antes contava com pichos em murais grafitados. É notável também que os *graffitis* presentes no corredor – seja pela ação acima relatada, seja os mais antigos, como a imagem da “Mona crespa” –, transformaram o local em uma atração turística da cidade, e não é raro ver pessoas tirarem fotos nos muros grafitados. Para encerrar, mais uma vez Lefebvre se faz pertinente, quando afirma que “na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e mobilizada” (LEFEBVRE, 1999, p. 29). Montes Claros, a partir da arte urbana aqui relatada, demonstra em si o movimento, a mistura, as disputas e a produção do espaço urbano pelos seus atores, espetáculos e espectadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou uma melhor compreensão de como as manifestações urbanas, seja de picho ou de *graffiti*, afetam e têm afetado nos últimos anos a população local, demonstrando a dinamicidade das relações urbanas e as disputas de poder, através de *estratégias* que visam desestimular a arte urbana, ou por meio de *táticas* de resistência dos artistas, da população local e/ou movimentos sociais.

Constatou-se, como informado em entrevista pelo grafiteiro Giwberto, que para bem ou para mal, as manifestações criam “holofotes” sobre um lugar antes abandonado, despercebido, ou sobre o qual não se dava a devida importância, promovendo maneiras diferenciadas de se produzir o espaço urbano, seja chamando atenção para problemas existentes, seja trazendo reflexões ou criando redes de sociabilidade através de poesias, festivais, e outras ações que fazem com que o público se detenha mais naquele ambiente.

REFERÊNCIAS

AUDIOVISUAIS

PIXO. Direção: Roberto T. Oliveira e João Wainer. São Paulo: O2 Filmes, 2009. 1 vídeo (58 min), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew>> Acesso em 24 jul. 2024.

BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. **MANA**, 21(3): 483-498, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>> Acesso em 28 jul. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em 25 jul. 2024.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. 3a ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEITE, Rogério Proença. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 53, no 3, 2010, pp. 737 a 756.

LEMÕES, Tiago. A cidade subvertida: vínculos, negociações e reinvenções urbanas. São Paulo: **Ponto Urbe**, 24, 2019. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/6327>> Acesso em 25 jul. 2024.

RINK, Anita. **Graffiti**: intervenção urbana e arte. Curitiba: Appris, 2015.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

URIARTE, Urpi Montoya. Produção do espaço urbano pelos homens *ordinários*: antropologia de dois micro-espços na cidade de Salvador. **Ilumiuras**, Porto Alegre, v.15, n. 36, p. 115-134, ago./dez. 2014

REPORTAGENS

Reportagem sobre pichação feita por professoras em Montes Claros. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/cidades/professoras-sao-presas-em-montes-claros-apo-s-picharem-frase-contra-bolsonaro-1.2688810>> Acesso em 29 jul. 2024

Festival de Graffiti em Montes Claros. Disponível em: <<https://educadoraam670.minhawebradio.net/noticia/331333/festival-internacional-d-e-graffiti-streetarte-montes-claros>> Acesso em 29 jul. 2024